

## EDUCAÇÃO POPULAR E O DESAFIO DA DEVOLUÇÃO DA PALAVRA

*Não faz muito tempo a terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam-no emprestado.*

*(SARTRE- Os condenados da Terra)*

Flander de Almeida Calixto<sup>1</sup>

**RESUMO:** *O artigo pretende trazer uma leitura crítica sobre a devolução da palavra no contexto da política de globalização, passando pelo papel confuso do Estado e relembrando momentos em que os oprimidos, na busca por inclusão social, poderão ser levados à conseqüências extremas em suas forma de luta. Situamos a educação popular como um mecanismo pacífico, que foge ao sistema formal de processamento do saber na sociedade midiática, relembrando a experiência exitosa de Angicos que não pôde ser aproveitada pelos brasileiros. Enquanto o mundo todo apreendeu de Paulo Freire, nós ficamos com fragmentos deste sistema de emancipação. Situamos o papel da intelectualidade como uma co-gestora deste processo, sob pena de ser incendiada junto com a tecno-burocracia de que é refém se ela não mudar seu eixo de intervenção política.*

### INTRODUÇÃO:

O diálogo em Paulo Freire está estreitamente relacionado à devolução da palavra aos sujeitos no processo de relações sociais. A palavra, instrumento de encontro, está retida pelo processo de exclusão social distanciando uns dos outros no coletivo.

Um significativo exemplo é a voz é subtraída da mulher, relegada à função materna e sic. “aos deveres de esposa”; embora essa situação venha sendo mudada. A criança, o adolescente mudos para o ouvido do direito, apesar desta instituição jurídica<sup>2</sup> ser seu porta-voz perante os homens numa sociedade sem tradição de direitos sociais. O poeta denuncia: *porque o poema, senhores, está fechado: não há vagas* (GULLAR, 1979, p.38). Quando as vagas acabam, finda a voz do encontro do homem com o trabalho, e nem a natureza vive o gozo de ser transformada. “O papel da mão-de-obra foi restringido, e em seu lugar ganhou prioridade a mão-de-obra comunicativa, cooperativa e cordial”(HARDT & NEGRI, 2001, p.13). O trabalho é metamorfose do espetáculo, no qual se fala toda palavra e, contraditoriamente, vive-se num mundo dos mudos. A palavra é inautêntica pelo seu caráter volátil e efêmero, pois não do sujeito que a pronuncia. Há que se buscar um encontro, que não será total, pleno, ele será um ato da incompletude humana.

Esse ato de encontro previsto na palavra pressupõe a deposição do individualismo, preservando o singular, embora ele já tenha se mimetizado no engodo neoliberal, que se criou para os subalternos do Império<sup>3</sup> sob a chancela dos falsos “para todos”; a produção biopolítica da própria vida social.

Não é possível o enfrentamento do inimigo invisível do comunitário. O isolamento é a estratégia

<sup>1</sup> Doutorando da Faculdade de Educação da USP/2003, membro do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Educação da FE-USP. Tema de Pesquisa: Paulo Freire e Lacan: palavra e desejo. Servidor da UFU na assessoria da Proex trabalha com assuntos comunitários na extensão universitária.

<sup>2</sup> Estatuto da Criança e Adolescente ECA- Lei8.069 de 13/07/1990.

<sup>3</sup> HARDT & NEGRI, Império, 2001

na globalização dos “ricos do norte”. Sobra o resgate da palavra como recurso meio para o falar entre os pobres do mundo que Ana Freire disse ser o “inepto possível”<sup>4</sup>.

O Estado iluminista não se dá mais à sua função primeva de articulador democrático e pluralista, ele calca o destino com o peso de sua tecnoburocracia, sua função revolucionária se perdeu pela trama da subversão da razão. É a palavra devolvida a partir de um desejo intra-subjetivo a resistência possível, e aí, abre-se um paradoxo, com o fim dos binários coloniais e diante à perplexidade dos cientistas políticos: a questão a ser respondida não é por que o povo se rebela, mas por que não o faz? Não se sabe de onde vem a exploração dada a complexa relação do homem subjugado, em relação aos seus “senhores”; o exercício da dominação é formado através de redes de comunicação. A forma-palavra na sua dimensão on-line com login e senha criptografada é um dos meios de disciplinamento e controle, é mais barato que sustentar as ditaduras de extrema direita. Entretanto, o inefável se sucede... No México, o grupo de “rebeldes” Zapatistas se vale da “forma-palavra do Império” e organiza um processo de desobediência civil desafiando os poderes dominantes a serviço dos “senhores”; os fundamentalistas islâmicos levam sua fala ao mundo na morte e na destruição que são o desespero da última instância de apelação do sem voz, a fala dominada, reinvertida, satanizada pela polícia política da mídia: essa voz de cárcere é ouvida da Patagônia a Groelândia e estes pobres, festejam o ódio para não chorarem seus mortos que não tiveram voz! A morte de crianças na África, não importa para a Glaxo, mas a quebra de patentes, a transgressão da lei que protege os que trabalham “honestamente” na Matriz é fator de repúdio e repressões a um desobediente civil, movido por um apelo de voz, ele quer incluir as crianças pobres, aidéticas e negras de uma nação africana. É a “raiva justa”<sup>5</sup> do Bem dos pobres contra o Mal dos bem sucedidos, e nem um nem outro são “identidades terminais”, são indeterminações da barbárie no teatro de operação da nova guerra.

A palavra não devolvida é a corporificação da violência que se empatiza na rebelião dos “slaves” (escravos). Ao pensar a utopia do processo de devolução da voz, o poder de blocos passa a não se pertencer como tal e evoca na solidariedade a possibilidade de ser sociedade, mas a sociedade como está, de classes, piramidal com adornos de solidariedade.

Freire identificou duas claras formas de palavra, que se tecem na dialogicidade: a primeira, a qual ele teorizou, que se faz na reflexão e na ação, e a segunda, a palavra inautêntica, a não-dialogicidade alienada, aquela presente na voz de controle(mídias), na escola bancária, na moda sem arte, na mercantilização do amor, na exploração vil do corpo infantil. Em qualquer processo de extração de mais valia a devolução do verbo terá duas dimensões que (KOSIK, 1995, p.13) identificou como a pseudoconcreticidade, e a dimensão da violência, da não voz, subalterna e terceiro-mundista..

Ao teorizar a educação popular e a magnitude de sua proposta autonomizadora, vê-se a dimensão de compromisso que os educadores populares possuem no nosso espaço-tempo presente. Nos anos 60, Paulo Freire, no nordeste brasileiro, construiu um laboratório de alta tecnologia educacional que operou eficazmente, como todo positivista quer. Pagou caro por isso! O mundo desenvolvido absorveu sua ciência de parceria como referência na educação para seus povos, sonogando-nos o direito a este saber. Para nós brasileiros, sobrou a troca do avançado em Freire, pelo burocrático inútil do Mobral, ou o informal criativo pelo bancário homogenizante, a tecnologia de criar pelo tecnicismo alienado de copiar. Negou-se a voz, quando poderíamos ser

<sup>4</sup> Expressão citada por Ana Maria Freire na discussão coletiva oferecida à Coordenação do Programa de Formação Continuada em Educação Popular da Proex-UFU e entidades do Movimento Popular de Uberlândia, em 16/03/2001 conforme registro [http://www.flanhel.hpg.ig.com.br/npipp\\_usp.htm](http://www.flanhel.hpg.ig.com.br/npipp_usp.htm), acessado em 10 junho/2003

toda voz e uma nação na rota de autonomia voltou aos trilhos da subalternidade. É assim, toda vez que caminhar, haverá um evento que nos dará 100 anos de atraso.

Em função da pulsão para ser sujeito, em todos os cantos do país aparecem iniciativas de grupos populares, pressionados pelo natural desejo de ser sociedade com características autônomas, porque essa gente que saiu às ruas em 1988, ainda não voltou para casa, “esta sem discurso, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou... Sua doce palavra, sua biblioteca. Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais...e agora?”<sup>6</sup> Porque essa gente está com seu verbo retido nas bibliotecas, nos CDs room, e em toda parafernália que a academia criou em nome da retórica do conhecimento científico e para o privilégio de alguns iniciados.(GHIGGI, 2002, p.38).

Assim, nascem os ditadores e os déspotas, e ao despertar preguiçoso dos que voz ainda possuem, ser-lhes-á tarde para lembrar que poderia ter sido diferente, tarde demais, para sonhar com jardins e flores, na noite da violência e da barbárie, das guerras estúpidas, criadas em nome de valores tão belos como “liberdade, igualdade e fraternidade...” que apenas se transformaram em ideais vazios. Mas isso foi há três séculos atrás ...dizer a palavra ao sujeito parece-me ser mais simples que esperar um banho em sangue numa terra de gente simples que canta quando deve chorar. Dizer a palavra, por isso mesmo, significa um encontro de homens”(FREIRE, 1981, p.93) diríamos, não é um encontro de cadáveres verbais. A relação ética com o outro implica uma dimensão de compromisso que é mediada pela palavra, não pela imagem-rainha<sup>7</sup>, não pelo mercado legitimador da ordem injusta.

A educação popular tem uma voz de rompimento. Ela está posta na práxis da mudança, e advoga uma radical implosão da metodologia que mantém os sem voz como assistentes da educação, se as torres do cartesianismo não ruírem pela superação epistemológica, certamente ruião pela organização dos pobres em torno de respostas alternativas. Esperamos que não se ateie fogo às bibliotecas por elas estarem a serviço do modelo ou consideradas o lugar de não-voz ou um lugar, onde se preparam os seletos obreiros da iniquidade. Ocupar um lugar na lógica de poder, implica fazer deste lugar um momento de processos para avanços. Ignorar isso é no mínimo, uma insensata aventura na própria história.

*Dizer a palavra não é privilegio de alguns homens* (FREIRE, 1981, p.92) *quem tem ouvido para ouvir que ouça*, diz o epíteto evangélico. Os poetas falam as palavras e delas fazem a denúncia usando a arte subjetiva que ocupa um para além do simbólico - esse mecanismo da psique humana, tão vilmente usado para disciplinar os sujeitos descredenciando o discurso numa mimetizada enganação.

*Tua casa esta ali. A janela  
acesa no terceiro andar. As crianças  
ainda não dormiram.  
Terá o mundo de ser para eles  
este logro? Não será  
teu dever mudá-lo?*

(fragmento de Voltas para casa, F. Gullar, p.37), inverno, 2003

<sup>5</sup> Raiva Justa - expressão usada por Paulo Freire citada por Ana Maria Freire em encontro de Educação Popular na UFU, em Uberlândia no ano de 2001

<sup>6</sup>Poema : E agora José, de Carlos Drummond de Andrade, s/d.).

<sup>7</sup> A imagem é como a rainha, que é a mulher a quem nada falta, a mulher que tem poder. A rainha é a imagem daquela que temo poder. A rainha é a imagem, cuja a falta não se vê. Toda imagem é rainha por encobrir a falta com o poder do triunfo. (Antonio Quinet, A imagem-rainha ou boneca barroca – O estádio do espelho revisitado a partir de os complexos familiares. In Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, novembro de 1994 n.11, p.51

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, C. R. **Educação popular** 2.ed. São Paulo:Brasiliense, 1985.
- FREIRE P. **Pedagogia do Oprimido**.9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Ana Maria. [http://www.flanhel.hpg.ig.com.br/npipp\\_usp.htm](http://www.flanhel.hpg.ig.com.br/npipp_usp.htm), registro acessado em 16/03/2001.
- GADOTTI, Moacir & ROMÃO José E.(Orgs.) **Autonomia da Escola : princípios e propostas**.2.ed.São Paulo : Cortez, 1997.
- GHIGGI, Gomercindo. **A cultura da investigação científica: dos modelos dogmáticos à importância política e epistemológica da proposta dialógica de Paulo Freire**. In Educação Cultura e Resistência: um abordagem terceiro-mundista. ANDREOLA, B. A. Santa Maria: Pallotti-ITEPA:EST. 2002. p.13-41.
- GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz**. 2.ed.Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1979.
- HARDT M. & NEGRI A. **Império** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MRECH, Leny M. **Psicanálise e educação:novos operadores de leitura**.São Paulo:Pioneira, 1999.
- QUINET, Antonio. **A imagem–rainha ou boneca barroca** – O estádio do espelho revisitado a partir de os complexos familiares. In. Opção Lacaniana. In. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, novembro de 1994, n.11, p.51.